

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de obras de ficção e de estudos literários. Sua obra poética é bastante rica e abrange diversos gêneros literários.

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2001. A obra foi publicada em 2002, com o apoio da Academia Cearense de Letras. A obra é resultado de uma pesquisa realizada durante o curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do professor Dr. Leonardo Melo, e de uma pesquisa realizada durante o curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do professor Dr. Leonardo Melo. A obra é resultado de uma pesquisa realizada durante o curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do professor Dr. Leonardo Melo, e de uma pesquisa realizada durante o curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do professor Dr. Leonardo Melo.

### A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO  
1996

Vence a Paz e o Direito,  
Que se iluminam de luz,  
Das cinzas do Proconceito  
Resurgem novos ideais,  
Trazendo a fim a unidade,  
Magnando a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um povo que se redime,  
É um exemplo sublime,  
Que a Pátria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna das pássaros.

## F. S. NASCIMENTO

Francisco de Sousa Nascimento nasceu em Serrita, Pernambuco, no dia 14 de outubro de 1926. Muito jovem veio com os pais para o Crato, onde fez o curso de Técnico de Contabilidade na Escola de Comércio local. Transferindo-se para Fortaleza, ingressou na Universidade Federal do Ceará trabalhando como encarregado do Setor de Intercâmbio Cultural do Departamento de Educação e Cultura. Foi assessor da Secretaria de Cultura e Desportos do Ceará.

Jornalista, ensaísta, crítico literário e poeta. Iniciou suas atividades literárias na cidade do Crato, onde participou do Grêmio Literário e Cívico José de Alencar, restaurou o antigo jornal *A Classe*, fundou, em colaboração com Florival Matos, a revista *A Província* e participou da fundação do Instituto Cultural do Cariri. Colaborou com o jornal *O Povo* e as revistas *Clã*, *Aspectos* e a *Revista da Academia Cearense de Letras*. Recebeu o Prêmio Cidade de Fortaleza, em 1967, com o trabalho *Conflitos e tendências*. Obras publicadas: *A estrutura desmontada*, 1972; *Três momentos da ficção menor* (Prêmio do Estado do Ceará), 1981; *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos*, 1990; *Teoria da versificação moderna*, 1995; e *Diretrizes da linguagem poética*, 2005.

Foi eleito para Academia Cearense de Letras no dia 12 de novembro de 1973 em substituição ao acadêmico Francisco Menezes Pimentel. Ocupa a cadeira número 38, cujo patrono é Tibúrcio Rodrigues. Na ocasião da posse foi saudado pelo acadêmico Pedro Paulo Montenegro.

### SINOS DE BELÉM

*Sinos de Belém – Blen! blen! blen!*  
*Sinos humildes em sua origem*  
*E que, no entanto, debelaram os povos*  
*na Inquisição.*

*Sinos de Belém... Eu os queria humildes*  
*Como José, Maria e o próprio Nazareno.*  
*Sinos de Belém que desfalecem em meio das*  
*idades atéias e dos tempos...*

*Sinos de Belém – um símbolo dos símbolos...*  
*Sinos de Belém – Blen! blen! blen! ...*

PERFEIÇÃO

*Quede-se a vida humana em largo pranto,  
flagrem-se guerras neste mundo infausto,  
cesse a candura, o amor – eterno canto!  
Viva o meu sonho etéreo, imenso, vasto.*

*Á perfeição caminho – ó vero encanto!  
E neste mundo egrégio em que repasto  
- Oh! região sublime, vale santo!  
Todo o meu ser relume ao belo engasto.*

*Preso ao meu sonho etéreo de poeta,  
caminharei, buscando a perfeição  
- Augusto anseio de um engenho esteta.*

*Mas se da vida for levado ao seio  
da minha terra, inglório e sem brasão,  
cessa o meu sonho – fascinante enleio.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR.